

# REFLEXOS DA VIDA E DA MORTE NO MOINHO DO CASTELINHO



EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA

12.JAN.2019|5.JAN.2020



A equipa de 2018 durante a escavação.



Fotografia geral das áreas da escavação

Na exposição temporária **“REFLEXOS DA VIDA E DA MORTE NO MOINHO DO CASTELINHO”** pretendemos mostrar os resultados obtidos nas escavações de 2017 e 2018, realizadas no âmbito do projeto de investigação “Povoamento em Época Romana na Amadora”. As duas campanhas trouxeram novos dados para auxiliar na compreensão da ocupação deste espaço durante a época romana.

O sítio do Moinho do Castelinho foi identificado na década de 60 do século XX, por António dos Santos Coelho e no início dos anos 80 a ARQA – Associação de Arqueologia da Amadora, durante trabalhos de prospeção na área, recolheu vários fragmentos de cerâmica.



Muro de um dos compartimentos da habitação de época romana-republicana.



A equipa de 2017 durante a escavação.

Contudo, apenas em 2009, foi observada a existência de contextos arqueológicos conservados no local. As escavações arqueológicas iniciaram-se em 2011 e a última campanha decorreu no verão de 2018.

Este sítio encontra-se implantado no sopé de uma pequena elevação denominada de Moinho do Castelinho, onde existia no século XVIII, um moinho de vento com o mesmo nome.

Os vestígios aí encontrados remetem-nos para várias épocas, desde a proto-história até ao período moderno. No entanto, as estruturas que atualmente se conservam no sítio remetem para uma intensa presença romana. Conseguimos, distinguir duas fases de ocupação, a primeira em Época Republicana/Alto-Imperial, entre meados do século I a.C. e finais do I d.C. e a segunda no Baixo Império e Antiguidade Tardia, entre os meados do século III d.C. e o V d.C.



Compartimento da habitação de época romana-republicana.



Silo de época romana-republicana.

## O INÍCIO DA OCUPAÇÃO ROMANA O ESPAÇO HABITACIONAL

O estabelecimento das populações itálicas no Moinho do Castelinho ocorreu a partir de meados do século I a.C. e prolongou-se até finais do século I d.C. No entanto, existem algumas evidências materiais de que no sítio existiria uma ocupação anterior, possivelmente da Idade do Ferro.

Desta primeira fase da ocupação romana conservam-se várias estruturas em alvenaria de pedra calcária sobre a rocha de base. Na totalidade da área escavada, para além de alguns muros, foram descobertos seis buracos de poste, um pequeno silo com despejos e o que parece ser uma habitação de planta retangular, da qual se conservam dois compartimentos.

Foram também recuperados diversos materiais que ajudaram a estabelecer a cronologia de ocupação dos espaços: fragmentos de cerâmica fina de mesa, de ânforas, de lucernas e de outra cerâmica de utilização doméstica, bem como peças com usos mais distintos, com uma punção, uma fíbula e um cabo de *simpulum* em liga de cobre e uma pedra de anel em pasta vítrea.

Todos estes vestígios pressupõem a existência de um estabelecimento rural relacionado com a exploração agropecuária, e construído na sequência da ocupação e aculturação romana do território nos arredores de *Olisipo*.



**Pedra de anel** em pasta vítrea negra com figura de Caprídeo agachado, de perfil à esquerda. A sua cronologia enquadra-se no século I a.C. (autoria: Graça Cravinho)



**Simpulum** em liga de cobre com cabo longo decorado com aletas e gancho para suspensão numa extremidade, na outra existiria um pequeno recipiente, dando-lhe um aspeto de concha. Destinada a servir líquidos, muitas vezes é associada a atos religiosos.



**Sanguessuga** - elemento de adorno em liga de cobre, usado durante a Idade do Bronze e a Idade do Ferro. Era utilizado como pendente e o seu nome deve-se à sua semelhança com uma sanguessuga



Escavação de um contexto arqueológico, com fragmentos de cerâmica de um grande contentor.



Estrutura de época alto-imperial.



Sepultura com cobertura de lajes de calcário afeiçoadas.



Sepultura com moldura e base com tijoleira e argamassa.

## A NECRÓPOLE

A necrópole do Moinho do Castelinho, devido à proximidade e à sua cronologia, pertencem à *villa* romana da Quinta da Bolacha, localizada a sudoeste e com ocupação entre 270 d. C e 525 d.C.

Esta desenvolve-se a sul do sítio do Moinho do Castelinho, acompanhando o ligeiro declive do terreno e com plena visibilidade sobre a *villa*. As sepulturas aqui encontradas enquadram-se na segunda fase de ocupação do espaço que ocorreu entre meados do século III d.C. e o século V d.C.

Até 2018 foram descobertas 40 sepulturas, e escavadas 33. Estas correspondem a inumações no interior de covachos escavados na rocha, de tipologias diversas. A maioria

possui uma cobertura, esta pode ser composta por pedras de calcário e basalto ou simplesmente por lajes de calcário mais ou menos afeiçoadas, os covachos são simples ou estruturados com molduras laterais para encaixe das lajes, também escavadas na rocha, e num caso, a moldura e o fundo da sepultura são compostos por tijoleiras e argamassa.

A sua escavação permite perceber o ritual funerário e recuperar parte do espólio votivo e de adorno que acompanhava o corpo, como, lucernas, púcaros, taças/tigelas, bilhas, jarro e moedas. Através da cuidada escavação dos esqueletos foi possível identificar o sexo, a idade, a estatura e algumas das doenças que afetaram estas pessoas.



**Jarro trilobado.** O seu nome deve-se às características do seu bordo. É uma peça de grandes dimensões e estava associado ao enterramento da sepultura 28, poderia conter as oferendas que os vivos colocavam junto dos seus entes durante o funeral, geralmente líquidos, frutos secos e cereais.



**Estribo de freio de cavalo.** Esta peça é um dos poucos exemplares conhecidos no nosso território, pertenceria a um freio de cavalo. Não foi encontrada no interior de nenhuma sepultura, no entanto a sua cronologia, meados do século IV a VII d.C., associa-a a este momento de ocupação. Provavelmente pertenceria a algum dos animais que fez parte do cortejo fúnebre.



**Lucerna.** Esta lucerna paleocristã foi encontrada no interior da sepultura 40. Designa-se desta forma porque a sua época de produção, no norte de África, e distribuição coincide com a disseminação e fixação do culto cristão no mundo romano. A presença destas "candeias" no interior das sepulturas é muito frequente, eram um elemento obrigatório no ritual funerário.



Levantamento das lajes de cobertura de sepultura.



Pormenor de objetos identificados em sepultura, junto do esqueleto.



Concha de vieira

## FICHA TÉCNICA

### Organização:

Câmara Municipal da Amadora  
DEDS – Divisão de Intervenção Cultural  
Museu Municipal de Arqueologia / Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira

### Coordenação:

Gisela Encarnação

### Investigação e Textos:

Gisela Encarnação e Vanessa Dias

### Escavação Arqueológica:

Museu Municipal de Arqueologia  
Gisela Encarnação  
Vanessa Dias

### Antropologia Biológica:

Raquel Granja  
Liliana Matias Carvalho  
Fátima Almeida

### Conservação e Restauro:

Salomé Sequeira  
Diana Fragoso

### Conceção Gráfica:

GIRP/GDG/Paulo Caldeira

### Agradecimentos:

- ARQA – Associação de Arqueologia da Amadora
- GEODRONE
- Estudantes de arqueologia da FCSH da Universidade Nova de Lisboa e da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Jovens que participaram nas escavações através do programa 16+ Férias na Cidade, promovido pela autarquia.
- Voluntários

### Imagem na capa

Levantamento com drone realizado por Geodrone

### HORÁRIO

3.ª feira a sábado, das 9h00 às 13h00 e das 14h00 às 17h00 - Domingo, das 14h30 às 17h30  
Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira - Núcleo Sede: Parque Aventura, Beco do Poço - Falagueira-Venda Nova - 2700 Amadora  
Coordenadas: 38.764556, -9.230205  
Contactos: Tlf. 214369090 / [museu.arqueologia@cm-amadora.pt](mailto:museu.arqueologia@cm-amadora.pt)

1ª Edição: janeiro de 2019



AMADORA

GEO  
DRONE